

**O SIGNIFICADO CULTURAL DO *WILDERNESS* E O PENSAMENTO
ECOLÓGICO EM *DESERT SOLITAIRE: A SEASON IN THE WILDERNESS***

***THE CULTURAL MEANING OF WILDERNESS AND ECOLOGICAL THINKING
IN DESERT SOLITAIRE: A SEASON IN THE WILDERNESS***

Regina Barbosa Tristão¹

Universidade Estadual de Goiás

Resumo: Este artigo objetiva compreender o conceito de cultura e o conceito cultural de *wilderness* (deserto), na história estadunidense e no livro *Desert Solitaire: A Season in the Wilderness*, de Edward Abbey. A evolução do significado de *wilderness* permitiu-nos, também, compreender uma mudança de comportamento, quanto à relação do homem com o deserto, no sentido de se preservar esse espaço, prática que se configura como atitude ecológica. Pensar ecologicamente e praticar o ecoativismo é outro processo cultural na história do homem. Portanto, o estudo sobre o conceito desse elemento espacial mostrou-nos como um hábito se inicia e como ele se estabelece como traço cultural.

Palavras-chave: cultura; *wilderness*; ecoativismo; identidade.

Abstract: This article aims to understand the concept of culture and the cultural concept of wilderness, in American history and in Edward Abbey's book *Desert Solitaire: A Season in the Wilderness*. The evolution of the meaning of wilderness also allowed us to understand a change of behavior, as regards the relation of man to the desert, in the sense of preserving this place, a practice that is configured as an ecological attitude. Thinking ecologically and practicing ecoactivism is another cultural process in the man's history. Therefore, the study of the concept of this spatial element showed us how a habit begins and how it establishes itself as a cultural trait.

Key words: culture; wilderness; ecoactivism; identity.

Submetido em 28 de maio de 2020.

Aprovado em 28 de agosto de 2020.

¹ Graduação em Letras – Português/Inglês pela Universidade Federal de Goiás (2003), mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina (2020). Atualmente é professora do Colégio da Polícia Militar de Goiás, Unidade Hugo. E-mail: reginatristaoprojeto@hotmail.com.

² Graduação em Letras Português/Inglês pela Universidade Federal de Goiás (2003), mestrado (2007) e doutorado (2013) em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás e Pós-doutorado em Estudos Literários (UFF). Atualmente é professor efetivo da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina. E-mail: reginatristaoprojeto@hotmail.com.

Introdução

O crescimento econômico baseado na exploração excessiva da natureza e na destruição do meio ambiente fomentou a reformulação das normas e dos meios legais sobre o uso e a exploração dos recursos naturais do planeta. As práticas do desenvolvimento destrutivo geraram a necessidade de se criar uma “cultura ecológica” que redimensionasse, de forma salutar, a relação do homem com o meio ambiente.

Conforme Enrique Leff (2009, p. 281), “entende-se essa ‘cultura’ como uma ‘tomada de consciência’ dos diferentes protagonistas sociais e uma mobilização da cidadania para proteger o ambiente”. À vista disso, a cultura ecológica compreende a área das formações ideológicas e do comportamento das pessoas quanto a pensar racionalmente sobre os estilos de desenvolvimento da sociedade, que não levem o meio ambiente à degradação. Nesse sentido, para compreender esse comportamento humano alinhado à natureza, é necessário entender como surgiu a cultura ambiental.

Desert Solitaire, de Edward Abbey, foi escrito na década de sessenta, período de efervescência cultural e crescimento dos movimentos e organizações ambientalistas que avolumaram o debate a respeito da preservação ambiental. O autor retratou poética e filosoficamente a vida do *wilderness*, mas o livro serviu, também, à causa em defesa da natureza, sem se distanciar ou perder seu valor literário, responsável por manter o livro ainda presente nos debates literários e com apelo além das fronteiras da sua língua. A narrativa detalha a rotina do autor, como guarda-florestal, em um parque da região de Utah, assim como faz descrições sobre a paisagem e os elementos espaciais, especifica o funcionamento dos parques nacionais e relata a visita ao lugar, no período de temporadas. Abbey fez uma avaliação sobre a depredação gradual que acontecia nos parques, bem como sugeriu formas de excursionar a região sem devastar a vida do deserto. Esse livro colabora não só com a narrativa da preservação ambiental, como evidencia o significado de *wilderness* pelo olhar do autor.

Este artigo objetiva fazer um diálogo norteador sobre a palavra *wilderness*. Dessa forma, além da introdução, o texto está dividido em três partes e as considerações finais. A primeira parte apresenta a origem da palavra “cultura”. Discorreremos a respeito de como o termo foi elaborado e como alguns autores o tratam em seus trabalhos. A segunda parte traz um estudo etimológico da palavra *wilderness* feito por Roderick Nash (2014) e a

evolução desse termo que foi ressignificado com o passar do tempo pelas sociedades *in loco*.

A última parte desenvolve o pensamento do autor sobre os parques nacionais de Utah, em específico o *Arches National Monument*, lugar onde ele passou duas temporadas e pôde sentir o lugar com toda a sua geografia. Essas temporadas o ajudaram a fazer um estudo de como preservar os parques, ainda que fossem visitados, mas fazendo uso de práticas ecológicas. Discutimos sobre a identidade ecoativista do autor, como ela foi moldada e qual a influência dela nas ações do autor. A partir das memórias e estudos sobre o autor, conseguimos evidenciar o que ele considerou como *wilderness*.

Cultura: acepções de uma palavra em construção a considerar contextos múltiplos

O termo *Kultur*, no final do século XVIII, era usado para representar tudo que se referia a expressões espirituais de uma sociedade. Da ideia de cultivar a terra, essa palavra passou a significar a capacidade de cultivar uma faculdade do espírito e do pensamento humano. Já o termo *Civilization* aludia às realizações materiais (LARAIA, 2001, p. 14). Conforme Adam Kuper (2002, p. 45), *Civilization* possuía duas significações distintas, a primeira era o emprego etnográfico usado para se referir ao conjunto de representações registrado por um observador ao estudar a vida coletiva de um grupo de seres humanos. Esse conjunto diz respeito aos aspectos materiais, intelectuais, morais e políticos da vida social. Já a segunda, aludia à civilização³ em si, valorizada pelo grupo de indivíduos que a tinha como acesso privilegiado.

Essas duas palavras que se completavam, *Kultur* e *Civilization*⁴, foram condensadas no termo inglês *Culture*, por Edward Tylor, que considerou o termo “tomado em seu amplo sentido etnográfico e este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (*apud* LARAIA, 2001, p. 14). As realizações humanas foram encerradas em uma única palavra por Tylor, opondo-se a outras explicações de que a cultura fosse um atributo inato ou transferido pelo sistema biológico.

³ Uma análise sobre esse termo será apresentada mais adiante.

⁴ “Num ensaio publicado em 1989, Jean Starobinski ressalta que ‘civilisation’ foi apenas um dos vários substantivos formados, durante aqueles anos revolucionários, com o sufixo *-ation* a partir de verbos que terminavam em *-iser*” (KUPER, 2002, p. 49).

O conceito de cultura, atualmente, é pensado como plural, e conforme Roque Barros Laraia (2001, p. 4), é “tema central das discussões antropológicas dos últimos 100 anos”. Esse autor acredita que a cultura e as diferenças culturais são padrões de comportamento ensinados por um processo chamado endoculturação⁵ (LARAIA, 2001, p. 12).

Franz Boas (1994), em *The Mind of Primitive Man*, afirma que a cultura é um processo evolutivo do homem, que expressa o comportamento dele mesmo e do outro. Para estabelecer um conceito, esse autor pesquisou povos variados, destacando suas similaridades e suas diferenças, com ênfase nestas últimas para se criar um padrão cultural, a partir dos costumes, atividades desenvolvidas, ideias, a fim de registrar as diferenças das múltiplas formas de expressão e de posicionamento desses grupos. Dessa forma, ele considerou cultura como esse conjunto de realizações praticadas por uma sociedade:

Cultura pode ser definida como a totalidade de reações físicas e mentais e atividades que caracterizam o comportamento dos indivíduos que compõem um grupo social coletivamente e individualmente em relação ao seu ambiente natural, a outros grupos, a membros do próprio grupo e de cada indivíduo para si mesmo. Inclui também os produtos dessas atividades e seu papel na vida dos grupos (BOAS, 1994, p. 159. Trad. Livre)⁶.

Alessandro Duranti (2000), em *Antropología lingüística*, apresenta seis teorias sobre o conceito de cultura. A primeira considera a cultura como algo distinto da natureza (humana), ou seja, o conhecimento é transmitido de geração a geração, por meio da interação humana: “Essa perspectiva da cultura permite explicar por que qualquer criança,

⁵ De acordo com Assis e Nepomuceno (2008, p. 3), em “Processos culturais: enculturação e aculturação”, In: *Estudos Contemporâneos da Cultura* “[o] processo cultural denominado pela Antropologia como enculturação ou enculturação é aquele por meio do qual os indivíduos aprendem o modo de vida da sociedade na qual nascem, adquirem e internalizam um sistema de valores, normas, símbolos, crenças e conhecimentos. São, por assim dizer, condicionados a um padrão cultural. Enculturação significa interiorização, assimilação, apropriação, absorção, aprendizagem”. Esse processo pode acontecer de forma sistemática através de metodologias ou assistemática, quando se adquire o conhecimento a partir de experiências cotidianas.

⁶ *Culture may be defined as the totality of the mental and physical reactions and activities that characterize the behavior of the individuals composing a social group collectively and individually in relation to their natural environment, to other groups, to members of the group itself and of each individual to himself. It also includes the products of these activities and their role in the life of the groups.*

para além de sua herança genética, crescerá seguindo os modelos culturais das pessoas que a educaram” (DURANTI, 2000, p. 48. Trad. Livre)⁷.

A segunda é a cultura como conhecimento, algo que pode ser partilhado com os demais membros de um grupo. A terceira é a cultura como comunicação, ou seja, representar o mundo e compreendê-lo, através dos signos linguísticos. Conforme Claude Lévi-Strauss (*apud* DURANTI, 2000, p. 60), todas as culturas são sistemas de signos que expressam predisposições cognitivas básicas profundamente enraizadas.

Já para Geertz (*apud* DURANTI, p. 64) interessa observar o que é comum a todas as culturas. A quarta teoria compreende a cultura como um sistema de mediação, ou seja, tudo aquilo que o homem produz, material ou imaterial. A quinta é um sistema de práticas (pensamento pós-estruturalista), que acredita que cada prática corresponda a uma expressão, que é mediada pelos indivíduos e as instituições dessa sociedade. A sexta, e última, é a cultura como sistema de participação, ou melhor, ela é vista como um conjunto de práticas, “[e] se baseia no pressuposto de que a comunicação verbal, como qualquer ação no mundo, é inerentemente social, coletiva e participativa” (DURANTI, 2000, p. 76. Trad. Livre)⁸.

A perspectiva dos teóricos citados conserva uma relação em comum, uma vez que todas as suas teorias certificam que cultura é todo conhecimento construído e praticado por um povo para que se atenda às suas necessidades e promova o seu desenvolvimento.

Após uma reflexão sobre como o homem se organizou em sociedade, adaptou o tempo e o espaço à vida humana, compreendendo que da sua relação com o meio surgiram hábitos e costumes, traços culturais que foram significados pelas sociedades que os praticavam, encaminha-se um estudo sobre como o homem assimilou culturalmente o espaço do *wilderness* na história dos Estados Unidos.

A ambivalência do sentido cultural de *wilderness* e a sua ressignificação

A palavra *wilderness*⁹ possui uma forte conotação cultural. Conforme Roderick Nash (2014, p. 1), o vocábulo é um substantivo que atua como adjetivo, fato que dificulta

⁷ Esta perspectiva de la cultura permite explicar por qué cualquier niño al margen de su herencia genética, crecerá siguiendo los modelos culturales de las personas que le han educado.

⁸ y se basa en el supuesto de que la comunicación verbal, como cualquier acción en el mundo, es de naturaleza inherentemente social, colectiva y participativa.

⁹ O termo *wilderness* admite uma tradução mais extensa em português, como sugere Vera Ribeiro, em sua tradução de *Ecocrítica* (2006), de Greg Garrard, em nota de rodapé, na página 87, como mundo natural, natureza inculta/selvagem/virgem, selva, sertão, mundo selvagem, agreste, região inculta/agreste, terra

a compreensão da natureza dessa palavra. O sufixo *-ness* designa característica, aquilo que produz um certo estado de espírito em um indivíduo, que atribuirá esse sentimento a um lugar específico. Não há uma prova material do que seja o *wilderness*, o que ele pode representar para uma pessoa pode não ser para outra, portanto, seu significado é subjetivo.

A etimologia supõe que esse termo se originou do *will*¹⁰ com sentido de *self-willed*, *willful* ou *uncontrollable*. De *willed* originou-se o adjetivo *wild* usado para transmitir a ideia de estar perdido, indisciplinado, desorientado ou confuso. Originalmente, esse termo foi aplicado à conduta humana, mas se estendeu para outras formas de vida. A palavra *dēor* (do inglês clássico), que significa “animal”, foi prefixada com *wild* para designar criaturas não domesticadas. Já no início do século XVIII, *wildēor* apareceu com o sentido de selvagem e bestas fantásticas que habitavam “regiões sombrias da floresta”. Seguindo a derivação dessa palavra, *wildēor* contraiu-se para *wilder*, *wildern* e variou para “*wilderness*”. Em última análise, *wild-dēor-ness* designa “lugar de bestas selvagens” (NASH, 2014, p. 1-2).

Quanto ao significado do lugar, Nash (2014) afirma que a civilização¹¹ criou o *wilderness*. Para os caçadores e coletores nômades, ele não tinha significado. Havia uma igualdade entre as partes integrantes da natureza que se autorregulavam formando uma comunidade autossustentável. Para o autor

Nada era "selvagem" porque nada foi domesticado. Os caminhos começaram a ser traçados – na terra e nas mentes humanas – com o advento do pastoreio, da agricultura e da colonização, cerca de dez mil anos atrás. Depois disso, fazia sentido pensar naquelas partes da natureza que tinham sua própria "vontade" e aquelas que tinham sido inclinadas a seguir a vontade das pessoas. A palavra "selvagem" (*wild*) é uma contração de "vontade" (*willed*); literalmente, deserto significa terra voluntariosa (NASH, 2014, p. XX. Trad. Livre)¹².

virgem, indômita ou inculta, lugar ermo, deserto, etc. Neste trabalho serão usadas as traduções: deserto, terra selvagem, mundo natural, conforme a redação do texto.

¹⁰ *Will* significa vontade; *self-willed* significa voluntarioso; *willful* significa teimoso, obstinado; *uncontrollable* é descontrolado e *willed* significa vontade, desejo.

¹¹ Segundo Norbert Elias, em *O Processo civilizador I*, o conceito de civilização remete a uma pluralidade de fatos, como o nível da tecnologia, desenvolvimento dos conhecimentos científicos, ideias religiosas e costumes. O autor diz, ainda, que tipo de habitação, convivência entre homens e mulheres, cumprimento da justiça, preparação dos alimentos também são formas que podem ser considerados como “civilizadas” ou “incivilizadas”. Conforme Elias (1990, p. 23), o conceito de “civilização” para o Ocidente é o que ele considera sobre si mesmo, sobre a consciência nacional. Essa sociedade, com base nos últimos três séculos, sente-se superior às sociedades antigas e às contemporâneas consideradas mais incultas.

¹² *Nothing was "wild" because nothing was tamed. lines began to be drawn – on the land and in human minds – with the advent of herding, agriculture, and settlement some ten thousand years ago. After that it made sense to think of those parts of nature that had their own "will" and those that had been bent to follow the will of people. The word "wild" is a contraction of "willed"; literally, wilderness means self-willed land.*

Consequentemente, após o povoamento do campo e o surgimento das cidades, os espaços e os animais domesticados e os que não haviam sido ganharam distinções que se tornaram significativas. O homem compreendeu que o raciocínio o diferenciava do restante da natureza, o que foi possível pensar nas pessoas não apenas como parte integrante de um sistema harmonioso, mas como donas da terra e controladoras de todo aquele espaço, a fim de garantir-lhes a sobrevivência.

O auge do sonho civilizado era a ideia de paraíso, “um ambiente perfeitamente adequado aos desejos humanos” (NASH, 2014, xxi. Trad. Livre)¹³. Por conseguinte, após a distinção entre natureza selvagem e domesticada, o *wilderness* foi considerado o contrário de paraíso e percebido como um lugar perigoso. A ele foi atribuído o sentido de adversário, alvo e produto de exploração. Assim como a terra, os nativos foram chamados de selvagens, pois “[e]les deveriam ser conquistados e transformados (ou eliminados), assim como a região selvagem” (NASH, 2014, p. Xxi. Trad. Livre)¹⁴.

O território do *wilderness* era a terra selvagem, a terra inóspita, a natureza selvagem, o “ambiente não humano, o lugar de animais selvagens” (NASH, 2014, p. 7). Conforme esse autor, regiões extensas e pouco inalteradas estariam muito próximas do deserto absoluto: “o continente norte-americano anterior à colonização serve como exemplo. Era imenso na área, e seus índios eram considerados uma forma de *wildëor* cuja selvageria era consistente com o caráter de país selvagem” (NASH, 2014, p. 7. Trad. Livre)¹⁵. Os europeus caracterizaram a terra e o índio como selvagens por não reconhecer neles a ordem e a civilização da qual eles faziam parte.

A concepção sobre o deserto ser um lugar perigoso, de bestas e feras, surgiu da sua associação à terra árida desabitada, referência feita pela primeira tradução da Bíblia do Latim para o Inglês, no século XIV. Essa referência continuou com a tradução das Escrituras em grego e hebraico, por William Tyndale, em 1526, e as compilações da Bíblia do Rei James. Os povos antigos, como os hebreus, conceberam a ideia de que o deserto era o ambiente do mal, ou um tipo de inferno, uma terra amaldiçoada por Deus. Esse pensamento de que o deserto fosse a morada dos demônios, do dragão uivante, do

¹³ *an environmental perfectly suited to human desires.*

¹⁴ *They were to be conquered and transformed (or eliminated), just like the wild country.*

¹⁵ *the North American continent prior to settlement serves as an example. It was immense in area, and its Indians were regarded as a form of wildëor whose savageness was consistent with the character of wild country.*

monstro feminino alado *lilith*, perdurou por alguns séculos, sem perder a força do caráter rude e proibido.

Entretanto, há uma ambivalência na acepção dessa palavra. Também no cristianismo, o significado desse lugar pode estar associado à história de o deserto ter sido buscado como a terra paradisíaca prometida. Uma tradição religiosa (criada com base no livro do Êxodo) levava o povo ao deserto para se libertar dos pecados e buscar a purificação da fé, conforme Nash:

Quando uma sociedade se tornava complacente e ímpia, os líderes religiosos olhavam para o deserto como um lugar de reedificação e refúgio. Este é o significado por trás da declaração de Jeremias: "Oh, que eu tivesse no deserto um alojamento para viajantes, para que eu deixasse meu povo... pois todos eles são adúlteros, uma companhia de homens traiçoeiros". Quando Elias buscou inspiração e orientação de Deus, ele foi para o deserto por quarenta dias simbólicos e a recebeu, como Moisés, em uma montanha deserta. Às vezes, um grupo todo deixava as regiões assentadas de Israel, rumo ao deserto, com a intenção de alcançar um grau de pureza e simplicidade que, de fato, prepararia o caminho para a vinda do Messias (2014, p. 16-17. Trad. Livre)¹⁶.

Segundo Duranti (2000), o conhecimento é transmitido de geração a geração por meio da interação, da partilha, da comunicação e da representatividade dos símbolos num mundo significativo. É possível dizer que o hábito de frequentar o deserto para fins de purificação e alcançar o paraíso era um costume dos povos religiosos antigos, que perpassou pelas gerações.

A fim de salvar a sua gente, os mestres espirituais encaminhavam-na para o lugar onde eles acreditavam que os homens alcançariam a regeneração da qual necessitavam. O significado e a função do deserto foram inscritos na história bíblica e transmitida por meio dos ensinamentos religiosos, partilhado por povos de culturas e países diferentes, em momentos distintos. A tradição de ir ao deserto para se purificar deu a continuidade da sua representação simbólica para a tradição cristã, o que dialoga com o pensamento de Claude Lévi-Strauss (*apud* DURANTI, 2000, p. 60-61) sobre as culturas serem sistemas de signos que manifestam aptidões cognitivas básicas profundamente enraizadas.

¹⁶ *When a society became complacent and ungodly, religious leaders looked to the wilderness as a place for rededication and refuge. This is the meaning behind Jeremiah's plea: "Oh that I had in the desert a wayfarers' lodging place, that I might leave my people... for they are all adulterers, a company of treacherous men." When Elijah sought inspiration and guidance from God, he went into the wilderness a symbolic forty days and received it, like Moses, on a deserted mountain. Sometimes an entire group left the settled parts of Israel for the wilderness with the intention of achieving a degree of purity and simplicity that would in fact prepare the way for the Messiah's coming.*

A variação do significado de *wilderness* aconteceu com o passar do tempo. Samuel Johnson definiu esse termo, em 1755, no *Dictionary of the English Language*, como “deserto; território de solidão e selvageria” (apud NASH, 2014, p. 3). A definição atual dos dicionários para essa palavra é “terra primitiva e sem progresso”. Para o cristão, o deserto, desde tempos antigos, é um símbolo pujante aplicado ao caos moral dos não regenerados ou à concepção de vida do homem religioso na Terra (NASH, 2014, p. 3). A pretexto disso, uma referência a isolamento, em regiões desérticas, como símbolo de punição, é observada em “The Outcasts of Poker Flat” (1869), de Francis Bret Harte.

Este conto narra a história do declínio financeiro e moral de uma cidade cheia de vícios. No intento de salvar Poker Flat e restaurar a virtude perdida, um comitê secreto foi criado para julgar as pessoas consideradas imorais. Quatro pessoas foram declaradas criminosas e banidas para as regiões montanhosas: “O local era singularmente selvagem e impressionante. Um anfiteatro arborizado, cercado nos três lados por precipícios íngremes de granito sem vegetação, inclinava-se suavemente em direção ao topo de outro precipício que dava para o vale” (apud MIKELS, 2002, p. 99. Trad. Livre)¹⁷. Em ambiente hostil, o grupo de expatriados ficou ilhado pela neve e foi abatido pela fome e o frio. Naquela região selvagem e de privações, o grupo teve o destino selado com a morte, sob o jugo da lei de Poker Flat.

Apesar de o homem ter atribuído um significado hostil ao *wilderness*, conforme Nash (2014), o dicionário também apresentou um significado culturalmente favorável. Segundo Jacob e Wilhelm Grimm e seus revisores: “*Wildnis*¹⁸ tem um tom emocional duplo. Por um lado, é inóspito, estranho, misterioso e ameaçador; por outro lado, belo, aprazível e capaz de elevar e encantar o observador” (apud NASH, 2014, p. 4. Trad. Livre)¹⁹. Essa ambivalência *a priori* parece ser algo útil ao uso em geral, mas dificulta a aplicação quando se trata da sua utilização por uma área em específico, porque é difícil mensurar “quão indômita deve ser uma região para se qualificar como selvagem ou,

¹⁷ *The spot was singularly wild and impressive. A wooded amphitheatre, surrounded on three sides by precipitous cliffs of naked granite, sloped gently toward the crest of another precipice that overlooked the valley.*

¹⁸ Do alemão, significa “deserto”.

¹⁹ *Wildnis has a twofold emotional tone. On the one hand it is inhospitable, alien, mysterious, and threatening; on the other, beautiful, friendly, and capable of elevating and delighting the beholder.*

inversamente, o quão civilizada ela pode ser considerada” (NASH, 2014, p. 4. Trad. Livre)²⁰.

Já os escritores românticos versaram seu amor à natureza, o conhecido *fugere urbem* (termo clássico), assim como os clássicos Lucrecio, Horácio e Virgílio, que “[e]xpressaram um desejo de deixar as cidades por um estilo de vida ‘natural’, tencionavam um ambiente pastoril ou rural” (NASH, 2014, p. 11. Trad. Livre)²¹. Os poetas românticos, cansados do ambiente citadino, no qual eles não encontravam correspondência e equilíbrio, voltaram-se para a natureza, exaltando-a como um espaço de refúgio e remissão.

Essa valoração do meio ambiente e a busca da natureza, a fim de restaurar a energia perdida, devido ao estresse provocado pelos centros urbanos, podem ter colaborado para a mudança no significado de *wilderness* (lugar inóspito, território selvagem de bestas e feras) para lugar de refúgio e paz libertadora. A ideia de que a natureza é um lugar de paz e redenção foi reinaugurada na literatura a partir do Neoclassicismo, no século XVIII, e essa concepção retornou a partir da década de 1960, em um cenário de efervescência em torno do ambientalismo moderno.

Na esteira do movimento ambientalista, que se desenvolveu nos Estados Unidos, Edward Abbey publicou *Fire on the Mountain* (1962), *Appalachian Wilderness* (1970), *Abbey's Road* (1979), *Down the River* (1982), *Beyond the Wall* (1984), entre outros, dentre os quais se destaca *Desert Solitaire* (1968), o seu livro mais célebre. Segundo Cahalan esse livro colocou os parques nacionais (os arcos, a região dos cânions) no mapa literário e “trouxe uma nova voz ousadamente original e exclusivamente pessoal à escrita da natureza americana” (2001, p. Xv. Trad. Livre)²².

The Monkey Wrench Gang (1975) foi o trabalho não ficcional mais bem-sucedido, de Abbey. Esse romance narra a história de um grupo, formado por quatro ativistas, denominados como ecoterroristas, que sabotavam maquinários e destruíam pontes, a fim de protestar e impedir ações que prejudicassem o meio-ambiente.

Para o grupo, o inimigo era aquele que trabalhava para desenvolver o oeste americano, poluindo o ar, destruindo e subjugando a natureza. O que mais despertou a

²⁰ *how wild a region must be to qualify as wilderness, or, conversely, how much of the influence of civilization can be admitted.*

²¹ *expressed a desire to leave the towns for a ‘natural’ way of life, they meant the pastoral or rural environment.*

²² *brought a boldly original and uniquely personal new voice to American nature writing.*

indignação desses quatro jovens foi a construção da represa *Glen Canyon*, no rio Colorado. O *Earth First!*²³ e esse livro foram criticados em matéria de um editorial da *Newsweek*²⁴. Em resposta, Abbey apoiou a organização, e disse que eles (ele e os ambientalistas) defendiam a desobediência civil onde e quando achassem necessário:

se a Getty Oil Co. tentar invadir a região selvagem de Gros Ventre (Wyoming) com escavadeiras, pretendemos reunir e bloquear, pacificamente, a invasão com guitarras, bandeiras americanas, corpos humanos vivos e talvez com um trator D-9 à frente. Se presos, iremos para a prisão, pagaremos as multas e tentaremos novamente. Convidamos seus leitores a se juntarem a nós (ABBEY, 1983, p. 94. Trad. Livre)²⁵.

Quanto ao livro, o autor defendeu que era um trabalho ficcional, por ele considerado como arte. Era um livro de comédia com final feliz e não um tipo de programa de ação ou manifesto.

Em *Desert Solitaire*, Abbey revelou a sua relação positiva com o *wilderness* e relatou as transformações negativas trazidas pelo desenvolvimento e pela domesticação destrutiva do espaço, na região de Utah. Ele denunciou que os parques nacionais estavam sendo negligenciados pelo Serviço Nacional de Parques, que representava o governo federal, instituição que deveria proteger aquele santuário da vida silvestre importante para a manutenção da vida humana: “o deserto é uma parte necessária da civilização e é da responsabilidade primordial do sistema de parques nacionais preservar *intacta e não reduzida* a parte que ainda resta” (ABBEY s/d, p. 58, [grifo do autor]. Trad. Livre)²⁶. O autor revelou a construção de estradas e pontes nos monumentos, edificações intrusas e modernas contrastando com a beleza da paisagem local:

Capitol Reef National Monument. Cenário majestoso e colorido em uma terra pedregosa – centro-sul de Utah. A parte mais bonita desse parque era o desfiladeiro do rio *Fremont*, um ótimo local para caminhadas, acampamentos e explorações. E o

²³ Grupo de ambientalistas radicais, que se inspirou em Edward Abbey, fundado em 1980, por David Foreman e Mike Roselle.

²⁴ *Newsweek* é a segunda mais importante revista semanal estadunidense (só perde para a *Time*), que publica notícias do mundo todo. Sediada em Nova York, seus exemplares são distribuídos para todo o país e para o exterior.

²⁵ *if the Getty Oil Co, attempts to invade Gros Ventre wilderness (Wyoming) with bulldozers, we intend to peaceably assemble and block the invasion with guitars, American Flags, live human bodies, and maybe an opposing D-9 tractor. If arrested, we shall go to jail, pay the fines and try again. We invite your readers to join us.*

²⁶ “*wilderness is a necessary part of civilization and that it is the primary responsibility of the national park system to preserve intact and undiminished what little still remains*”.

que as autoridades fizeram? Elas construíram uma rodovia estadual através dele (ABBEY, s/d, p. 57. Trad. Livre)²⁷.

A flagrante exploração da região dos parques nacionais, retratadas em *Desert Solitaire*, pode ser entendida como uma cultura de interesses econômicos, possivelmente originada no século XIX, quando o homem promoveu a corrida para o oeste. Essa corrida foi, incrivelmente, retratada no quadro *American Progress* (1872), do pintor John Gast, encomendado por George Crofutt, que ilustra a ideia histórica do significado da expansão da América para a região do oeste. Conforme Martha A. Sandweiss (2010), na ilustração, as vias ferroviárias, os vagões, a propriedade privada, os fios do telégrafo representam o progresso avançando sobre o território não domesticado. O livro, na mão direita da figura central, representa a escola, a educação, uma referência do pensamento nacional do homem colonizador, de que a democracia e o progresso estavam sendo levados a outros povos – uma crença da sociedade americana difundida pelo Destino Manifesto²⁸.

Existe um jogo de luz e sombra significativo na pintura. O movimento dos elementos da imagem é da direita para a esquerda, uma clara referência à marcha para o oeste. O homem colonizador avança com as suas tecnologias sob a luz (referindo-se ao futuro iluminado e abençoado da América), enquanto os índios se deslocam sob a sombra (retratando o atraso e o passado), uma aparente fuga do progresso e da inaptidão de adaptação às mudanças. Conforme Martha Sandweiss (2010), Frederick Jackson Turner, em um ensaio, de 1893, "O Significado da Fronteira na História Americana" dialoga com as ideias incorporadas pelo quadro de Gast.

Conforme Frederick Turner (2004, p. 23), as instituições americanas foram criadas para se adaptar a um povo em expansão. A evolução social do oeste tem origem no movimento de expansão a partir da fronteira. Esse autor nos apresenta, com base na história das sociedades, um registro da evolução social na cultura do *wilderness*:

Ela começa com o índio e o caçador; continua falando-nos da desintegração do estado selvagem com a chegada do mercador, o desbravador da civilização; podemos ler os anais da era pastoril na vida dos ranchos; a exploração do solo no plantio, sem

²⁷ “*Capitol Reef National Monument. Grand and colorful scenery in a rugged land – south-central Utah. The most beautiful portion of that park was the canyon of the Fremont River, a great place for hiking, camping, exploring. And what did the authorities do? They built a state highway through it*”.

²⁸ A doutrina do Destino Manifesto foi uma filosofia criada, durante a década de 1840, nos Estados Unidos, para exprimir a crença de que o povo norte-americano havia sido escolhido por Deus para conduzir o mundo (*Native America, Discovered and Conquered : Thomas Jefferson, Lewis & Clark, and Manifest Destiny, de Robert J. Miller (2006, p. 120).*

rodízios, de milho e trigo em comunidades de lavradores assentados esparsamente; na cultura intensa das povoações rurais mais densas; e finalmente na organização manufatureira com a cidade e o sistema fabril (TURNER, 2004, p. 32).

Essa região da fronteira foi povoada por pescador, mineiro, mercador de peles, criador de gado e lavrador, que foram atraídos pela irresistível oportunidade de participar e promover o desenvolvimento do oeste. Esses homens que buscavam a exploração de animais, pastos, solo virgem e rios, formaram uma sociedade progressivamente independente. O desenvolvimento e a mudança da cultura social e econômica do oeste continuaram se renovando (como ciclos) com a chegada da empresa, do capital e da indústria.

Frederick Turner (2004, p. 49) comenta que a democracia nascida de uma terra livre oferecia tanto perigos quanto benefícios: “O individualismo na América permitiu uma complacência em relação aos assuntos governamentais, tornando possível o sistema de espoliação e todos os males manifestos que derivam da ausência de um espírito cívico altamente desenvolvido”.

A tese de Turner sobre a força econômica garantir a força política confirma a denúncia de Abbey de que Estado não se empenhava em preservar o meio ambiente e era condescendente com os representantes do capitalismo. A inquietação do autor era de que esse desenvolvimento destrutivo continuasse depredando a vida nos parques nacionais: “[a]pesar da proteção ilusória da Lei de Preservação do Deserto, a menos que muitos cidadãos levantem-se sobre as patas traseiras e façam gestos políticos vigorosos, exigindo a implementação da lei” (ABBEY, s/d, p. 58. Trad. Livre)²⁹. Dessa forma, Abbey professou seu pensamento ecológico e tentou influenciar a nova cultura que estava se delineando sobre o modo de se relacionar com a natureza, preservando-a.

Considerando a afirmativa de Frans Boas (1994), de que a cultura é um processo evolutivo do homem, é possível dizer que a evolução cultural do *wilderness* se configurou de acordo com as práticas do homem de cada época sobre esse espaço e o adaptou conforme as suas necessidades e interesses. Dessa forma, parece-nos que o sentido cultural do *wilderness*, antes visto como terra selvagem, foi ressignificado para lugar de descanso, redenção e aventura, algo que parece dialogar com o pensamento de Abbey apresentado no capítulo a seguir.

²⁹ *despite the illusory protection of the Wilderness Preservation Act, unless a great many citizens rear up on their hind legs and make vigorous political gestures demanding implementation of the Act.*

A identidade ecológica de Edward Abbey e a sua perspectiva ecoativista sobre o *wilderness*, em *Desert Solitaire*

Desert Solitaire: A Season in the Wilderness, de Edward Abbey, é um relato autobiográfico escrito a partir da experiência desse autor, como guarda-florestal, por duas temporadas no *Arches National Monument*, hoje *Arches National Park*, em Moab, região de Utah, Estados Unidos. O contato desse autor com as regiões desérticas iniciou, ainda, na infância, quando viveu no oeste³⁰ e se estendeu por toda a sua vida. Esse livro foi escrito na década de 1960 e muitas transformações na paisagem do Parque já haviam acontecido.

A oportunidade que Abbey teve de conhecer o mundo natural, na sua forma menos espoliada pelo homem, despertou nele a preocupação com a natureza, suscitando-lhe a consciência ambiental e o espírito preservacionista. O ativismo do autor e a sua identidade, moldada pelas experiências positivas no deserto e pelo pensamento ecológico, são processos de adaptações que Abbey experimentou a partir de mudanças culturais na sociedade. Ainda bem jovem, ele amava vagar e escrever sobre o deserto, mas não se via como um escritor da natureza. Aos treze anos ele esperava se parecer com Thomas Wolfe ou James Joyce, mas aos vinte e três “ele se parecia com o influente *Beats*, tanto em seu estilo de vida quanto em seus escritos, muito mais do que Henry David Thoreau ou John Muir” (CAHALAN, 2001, p. 27. Trad. Livre)³¹.

Conforme Cahalan (2001, p. 28), na década de 1940, a palavra ambientalismo não fazia parte do vocabulário norte-americano e a preservação do *wilderness* dificilmente era visível na agenda nacional. O desejo dos jovens era cumprir o serviço militar e seguir com suas vidas. Abbey seguiu com a sua, dedicou-se a escrever sobre o deserto e realizou um forte impulso antigo – ir para o oeste. Ele participou, direta e indiretamente, de grupos ambientalistas, como o *Earth First!* (conforme já citado) que ficou conhecida como uma das organizações ambientalistas mais radicais da América do Norte. Esse grupo assimilou parte das ideias radicais de Abbey.

As vivências desse autor, obtidas com o tempo, percebidas através dos sentidos e a história do lugar, de forma convergente, despertaram nele o sentimento de pertencimento ao *wilderness*.

³⁰ Em *Confessions of a Barbarian: Selections from the Journals of Edward Abbey*, David Pertersen, 2003.

³¹ *he resembled the influential Beats, both in his lifestyle and his writing, much more than he did Henry David Thoreau or John Muir.*

A fim de compreender a identidade ecoativista de Abbey é importante avolumar uma discussão sobre a relação afetiva dele com o *wilderness*. Essa afeição pelo lugar pode ser explicada pelo que Yi-Fu Tuan (1980, p. 5), em *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*, chamou de topofilia, que significa o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico, partindo de uma experiência pessoal. Essa relação feliz é justificada pela valorização positiva que o homem atribui ao espaço, o que esclarece o sentimento de integração de Abbey com o deserto e com todos os componentes espaciais.

Tuan (1980, p. 107-108) explicou que a afeição pela vista do lugar pode ser efêmera, mas ela pode se renovar à medida que o observador-usufruidor daquele espaço conhece a história do lugar. Essa característica reforça o diálogo deste autor com o relato de Abbey: o encantamento nunca se esgota. O sentimento topofílico se reforça pela história do oeste norte-americano transmitida pelos seus pais e conhecida a partir das sondagens desse autor pela região, pela sacralização simbólica, pela sensação de beleza pela vista do lugar que se renova a cada amanhecer, a cada visão do *Delicate Arch*, entre outros tantos encantos do lugar. Tal renovação também ocorre pelo próprio ciclo natural: a cada movimento do ar, tempestade e animais se locomovendo pela planície ou região acidentada são elementos que reforçam essa ideia de topofilia.

A percepção do autor sobre o espaço fortificou a sua atitude para com o meio ambiente no sentido de protegê-lo, já que o espaço é uma necessidade biológica e psicológica do ser humano: “Precisamos da natureza selvagem, quer tenhamos ou não pisado nela. Precisamos de um refúgio, mesmo que nunca precisemos ir até lá” (ABBEY, s/d, 162. Trad. Livre)³². Essa sensação de pertencimento, resposta ao sentimento topofílico, explica-nos, também, a necessidade de Abbey estar ligado à sua origem primeira – a natureza, onde o homem se sente em paz e mais perto do sagrado. A alusão desse autor sobre a natureza ser um espaço sagrado dialoga com a doutrina do panteísmo³³. Mesmo o homem não religioso, nesse caso Abbey, é capaz de perceber um espaço como sagrado pelo simbolismo que ele representa.

³² *We need wilderness whether or not we ever set foot in it. We need a refuge, even though we may never need to go there.*

³³ Paul Harrison (2013), em *Elements of Pantheism: A Spirituality of Nature*, explica que o panteísmo, que tem origem no grego *pan* (tudo) e *theos* (Deus), literalmente significa “Tudo é Deus”. Já David Christopher Lane (2016, p. 6), em *Pantheism: A Natural History*, explica que a melhor definição de panteísmo é a que Baruch Espinoza defende, de que “apenas uma unidade real é Deus” ou seja, a universalidade dos elementos em sua totalidade é Deus.

O sagrado para Abbey correspondia não a um contato entre o homem e a esfera divina, mas o contato do homem com a natureza, pois a terra é sagrada porque foi ela que deu a vida a todas as criaturas que a habitam. O sagrado para Abbey era a relação do homem com a natureza, já que ele, pela concepção de Mircea Eliade (1992, p. 28), seria um homem profano, mas que nutria um sentimento hierofânico para determinados espaços que correspondiam à natureza, longe da presença do homem citadino (civilizado). Abbey não via Deus, no sentido literal do termo, o Deus cristão na natureza, e sim a natureza como manifestação do sagrado, algo que percebemos aproximá-lo de uma ideia panteísta da natureza. Se o panteísmo defende a existência de todas as coisas como uma porção ou parte de Deus, que tudo é sagrado, é possível dizer que Abbey acreditava numa sacralidade da natureza. Dessa forma, a terra era sagrada, porque foi ela que deu vida às criaturas e tudo que compõe o deserto (os animais, a geografia, o ar, o céu, as plantas, dentre outros) era uma manifestação dessa sacralidade telúrica.

Abbey percebia uma conexão entre todos os elementos da natureza. Por esse motivo, cabe dizer que a filosofia dele é panteísta, por sua crença de que todos os elementos do mundo são integrados na figura do seu criador, que no caso, não seria Deus, mas a Mãe Terra. A ideia dele é de unidade entre todos os seres vivos, num grau de parentesco, pela origem em comum: nascemos da Terra, e todos os seres, humanos e não humanos, estão no mesmo nível e exercem relação de interdependência:

Somos parentes todos nós, assassinos e vítimas, predadores e presas, eu e o coioote astuto, o urubu, a elegante serpente do pacífico, o trépido coelho, os vermes imundos que se alimentam das nossas entranhas, todos eles, todos nós. Viva a diversidade, viva a Terra! (ABBEY, s/d, p. 42. Trad. Livre)³⁴.

A origem biológica do homem expressa a simplicidade da vida, aquele atributo dos animais, que se perdeu no homem devido ao distanciamento da sua gênese. A aproximação com a Mãe Terra expõe o homem à sua condição de elemento equivalente aos demais seres, todos parte de uma unidade muito maior. Daí a compreensão de Abbey entender-se em condição equânime com os demais seres.

³⁴ *We are kindred all of us, killer and victim, predator and prey, me and the sly coyote, the soaring buzzard, the elegant gopher snake, the trembling cottontail, the foul worms that feed on our entrails, all of them, all of us. Long live diversity, long live the earth!*

O sentimento de pertencimento ao *wilderness* e a práxis panteísta evidenciam a identidade ecoativista de Abbey que pode ser entendida a partir da explicação de Castells (1999, p. 155), que apontou uma tendência de que no controle da ciência, os ecologistas inspiraram uma nova identidade, a identidade biológica: “uma cultura da espécie humana como componente da natureza”. Conforme Castells (1999, p. 159), essa identidade não nega a cultura histórica e tem profundo respeito por ela, mas tem como inimigo o nacionalismo do Estado que rompe a unidade da espécie humana e compromete a noção de um ecossistema compartilhado. Essa perspectiva dialoga com o ecoativismo de Abbey, que considerou “que todas as coisas vivas na Terra são aparentadas” (ABBEY, s/d, p. 25. Trad. Livre)³⁵.

As duas temporadas que Abbey passou no *Arches National Monument* foram significativas para reforçar seu espírito preservacionista. Desde a sua chegada aos Arcos, o autor expressou o seu encantamento pelo espaço do *wilderness* e externou a sua preocupação com a preservação daquele lugar. No início da temporada, em 1956, ele foi avisado que o parque seria modernizado.

O anúncio da construção de uma estrada pavimentada foi a constatação de que um fluxo maior de pessoas transitando no Parque desvirtuaria as belezas dali: “É por isso que você precisa dela, explicou o engenheiro pacientemente; olhe, ele disse, quando esta estrada for construída, você terá dez, vinte, trinta vezes mais turistas aqui do que agora”³⁶ (ABBEY, s/d, p. 54). Abbey considerava danoso o fluxo que já havia, e o aumento de visitantes poderia provocar o desmoronamento dos arcos, destruir os monumentos e afetar a vida natural do lugar.

O crescimento do fluxo de turistas não demorou para modificar um dos monumentos de Utah. O *Navajo National Monument* não conseguiu preservar a velha estrada que ia até as moradias de penhasco *Keet Seel* e *Betatakin*: “Não existe mais: a estrada foi pavimentada, o acampamento ampliado e ‘modernizado’ e a velha magia destruída” (ABBEY, s/d, 56. Trad. Livre)³⁷. Essas alterações ocorreram em função do turismo industrial, fomentado pela pavimentação da estrada que chegava àquela região.

³⁵ *that all living things on earth are kindred.*

³⁶ *That’s why you need it, the engineer explained patiently; look, he said, when this road is built you’ll get ten, twenty, thirty times as many tourists in here as you get now.*

³⁷ *No longer so: the road has been paved, the campground enlarged and ‘modernized’, and the old magic destroyed.*

No Parque, havia algumas instalações, como banheiros, áreas para descanso, lareira, que o autor considerava desnecessárias e que desvirtuavam o lugar, evitando que as pessoas pudessem viver as experiências reais de estar na natureza. Dessa forma, Abbey apresentou alternativas para conviver positivamente com a natureza, sem depredá-la:

Sem carros nos parques nacionais. Deixe as pessoas andarem. Ou andem a cavalo, bicicletas, mulas, porcos selvagens – qualquer coisa – mas mantenham fora os automóveis e as motos e todos os seus similares motorizados. Concordamos em não dirigir nossos automóveis em catedrais, salas de concerto, museus de arte, assembleias legislativas, salas particulares e outros santuários da nossa cultura; devemos tratar nossos parques nacionais com a mesma deferência, pois eles, também, são lugares sagrados (ABBEY, s/d. p. 65. Trad. Livre)³⁸.

Podemos dizer que o autor se esforçava em sugerir a melhor forma de a humanidade usufruir o espaço natural. Ele expressou o valor real da natureza na vida das pessoas e o valor cultural que ela deveria carregar: um santuário a ser mantido. Ele sugeriu várias formas de frequentar o Parque, e deixar, no momento certo, os veículos motorizados para trás e com o uso de animais ou bicicletas fornecidas, gratuitamente, pelo governo dos Estados Unidos, fazer o acesso (ABBEY, s/d, p. 66).

Essa observação de Abbey salienta amiúde o cerne da matéria preservação dos parques: a acessibilidade. A exploração do lugar originou conflito de posicionamentos entre investidores e protetores, quanto a usar a natureza como área de recreação. O sucesso dos investidores estava no acesso dos turistas motorizados, uma vez que mais acesso geraria mais lucros e a função dos protetores era garantir que as áreas ambientais fossem protegidas de espoliação. Nesse sentido, *wilderness* e motorizados são incompatíveis, pois o trânsito de máquinas motorizadas pode causar a instabilidade geológica, prejudicar o fluxo de migração da fauna e da flora, depredar o solo e os recursos hídricos. Entre as observações técnicas do autor sobre a degradação da natureza, a interferência da máquina no equilíbrio do lugar compreendia maior destaque.

Sentado em uma rocha, contemplando a noite deitar-se sobre o deserto, Abbey foi surpreendido por algo que sacudiu a sua agradável apatia. Seduzido pela vista dos Arcos, imerso na sensação de prazer proporcionada pelo cenário bucólico, um barulho

³⁸ *No more cars in national parks. Let the people walk. Or ride horses, bicycles, mules, wild pigs – anything – but keep the automobiles and the motorcycles and all their motorized relatives out. We have agreed not to drive our automobiles into cathedrals, concert halls, art museums, legislative assemblies, private bedrooms and the other sanctums of our culture; we should treat our national parks with the same deference, for they, too, are holy places.*

discrepante quebrou a harmonia do lugar e a exultação sentida pelo observador: “Foi então que ouvi a nota dissonante, o ronco de um jipe em marcha lenta e tração nas quatro rodas, vindo de uma direção inesperada” (ABBEY, s/d, p. 52-53. Trad. Livre)³⁹. O barulho da máquina irrompendo aquela região selvagem marca a presença do homem na terra dominada.

Os primeiros camponeses da América viam essa terra como um paraíso exuberante, um espaço natural no qual o homem poderia viver de forma simples e equilibrada com a natureza e ao mesmo tempo viver em sociedade de forma democrática e equivalente para todos. Com a chegada do progresso, a ferrovia e o motor a vapor mudaram o país que, rapidamente, promoveu a industrialização pondo fim à vida simples e agrária da população. A máquina se tornou símbolo de progresso, permitindo o acesso a regiões distantes, mas foi responsável, em parte, pela depredação da natureza.

Leo Marx em *Machine in the Garden* explica que, desde 1844, “[o] mundo inteiro está invadindo a terra, transformando a textura sensorial – o que ela parece e ressoa – e ameaçando, de fato, impor um domínio novo e mais completo sobre ela”⁴⁰ (2000, p. 31-32. Trad. Livre). A tecnologia, que pode ser representada pelo carro, viabiliza essa invasão, cujo resultado é a alteração do ciclo natural da vida e da imagem bucólica da natureza.

Isso explica a construção de estradas serem o primeiro entrave para a preservação, porque elas promovem a acessibilidade que, por consequência, produz uma movimentação incompatível com a vida do lugar, podendo provocar, inclusive, o que Rob White e Diane Heckenberg chamaram de ecocídio, ou seja, “atividades que destroem e diminuem o bem-estar e a saúde dos ecossistemas e das espécies dentro dele, incluindo os seres humanos” (2014, p. 299. Trad. Livre)⁴¹.

A proposta em *Desert Solitaire* sobre a preservação vai além de não matar um animal ou não cortar um arbusto para construção de uma área de descanso, por exemplo. O autor discorre sobre como funciona a indústria do turismo e quais estruturas políticas e econômicas confrontam o pensamento ecológico. O turismo industrial é um grande

³⁹ *It was then I heard the discordant note, the snarling whine of a jeep in low range and four-wheel-drive, coming from an unexpected direction.*

⁴⁰ *The great world is invading the land, transforming the sensory texture – the way it looks and sounds – and threatening, in fact to impose a new and more complete dominium over it.*

⁴¹ *Activities that destroy and diminish the well-being and health of ecosystems and species within these, including humans.*

negócio que inclui proprietários de hotéis, restaurantes, postos de gasolina, “[a]s corporações petrolíferas, os empreiteiros de construção de estradas, os fabricantes de equipamentos pesados, as agências estaduais e federais de engenharia e a indústria automobilística soberana e poderosa” (ABBEY, s/d, p. 61. Trad. Livre)⁴². Como esse negócio envolve instituições poderosas e agentes também, percebe-se a dificuldade de impedir a execução de um projeto de modernização de uma área livre:

Por meio do Congresso, a indústria do turismo pode exercer enorme pressão sobre o executivo como o antigo e pobre Serviço de Parques, uma pressão que também é exercida em todos os outros níveis possíveis – local, estadual, regional – e por meio da publicidade e de hábitos bem estabelecidos de uma nação pródiga (ABBEY, s/d, p. 61. Trad. Livre)⁴³.

Quem luta pela preservação dos parques são os ativistas ambientais, ecoativistas, populações indígenas nativas da região. A contrapartida é um império de interesses que tem força na esfera política e no mercado financeiro. A indústria do turismo é um empreendimento organizado e norteia o governo, com representantes no Congresso, que fortalecem os investimentos do turismo industrial e o protege dentro do campo democrático ou constitucional.

Conhecer os instrumentos dos interesses lucrativos não dissuadiu o autor a exercitar o seu ativismo em favor “de todas as formas de vida selvagem”:

É meu dever como guarda-florestal proteger, preservar e defender todos os seres vivos dentro dos limites do parque, sem exceções. Mesmo que não seja esse o caso, tenho convicções pessoais para defender. Ideais, você poderia dizer. Eu prefiro não matar animais. Sou humanista; eu prefiro matar um *homem* a uma cobra (ABBEY, s/d, p. 20, grifo do autor. Trad. Livre)⁴⁴.

Desert Solitaire pode não resolver um problema ambiental, mas pode ajudar a ampliar o debate e definir problemas no campo da ecologia, como fez Rachel Carson, em “Uma fábula para o amanhã”, capítulo publicado em *Silent Spring* (1968), sobre o uso

⁴² *the oil corporations, the road-building contractors, the heavy equipment manufacturers, the state and federal engineering agencies and the sovereign, all powerful automotive industry.*

⁴³ *Through Congress the tourism industry can bring enormous pressure to bear upon such a slender reed in the executive branch as the poor old Park Service, a pressure which is also exerted on every other possible level – local, state, region – and through advertising and the well-established habits of a wasteful nation.*

⁴⁴ *It is my duty as a park ranger to protect, preserve and defend all living things within the park boundaries, making no exceptions. Even if this were not the case I have personal convictions to uphold. Ideals, you might say. I prefer not to kill animals. I'm a humanist; I'd rather kill a man than a snake.*

de agrotóxicos proibidos no meio ambiente. Abbey escolheu o deserto como o seu lar, o lugar para onde ele sempre voltaria, porque o significado desse lugar está amalgamado na sua origem:

Suponhamos que dizemos que o deserto invoca a nostalgia, uma nostalgia justificada e não sentimental pela América perdida que nossos antepassados têm. A palavra sugere o passado, o desconhecido, o ventre da terra da qual todos nós emergimos. Significa algo perdido e algo ainda presente, algo oculto em nosso sangue e nervos, algo além de nós e sem limites. Romance – mas não deve ser abandonado por conta disso. A visão romântica, embora não a totalidade da verdade, é uma parte necessária de toda a verdade (ABBEY, s/d, p. 208. Trad. Livre)⁴⁵.

É possível dizer que o *wilderness* significa para o autor a origem da vida, o que está dentro de cada um, que o originou e deu origem a seus antepassados: “o único lar que conheceremos” (ABBEY, s/d, p. 208. Trad. Livre)⁴⁶.

Franz Boas (1994, p. 159) considera que a cultura é a “totalidade de reações físicas e mentais e atividades que caracterizam o comportamento dos indivíduos que compõem um grupo social coletiva e individualmente em relação ao seu ambiente natural”. Podemos concluir que a consciência ecológica de Abbey se formou pela soma de experiências que ele teve durante a sua vida, a influência dos ecoativistas e o surgimento do ambientalismo moderno, experiências individuais e coletivas que dialogam com o pensamento de Boas. A visão ecológica de Abbey sobre como se relacionar com o ambiente físico é uma declaração da sua identidade ecoativista, da história do desenvolvimento do oeste americano, uma vez que a forma como o homem explorou esse espaço deu vazão para se pensar sobre o meio ambiente de forma responsável e sustentável.

A identidade biológica do autor nutriu o seu instinto de guardião da natureza selvagem, fazendo-o se perceber como uma peça do ecossistema, e despertou nele seu ativismo para colaborar com a difusão da cultura da preservação ambiental.

⁴⁵ *suppose we say that wilderness invokes nostalgia, a justified not merely sentimental nostalgia for the lost America our forefathers knew. The word suggests the past the unknown, the womb of earth from which we all emerged. It means something lost and something still present, something buried in our blood and nerves, something beyond us and without limit. Romance – but not to be dismissed on that account. The romantic view, while not the whole of truth, is a necessary part of the whole truth.*

⁴⁶ *the only home we shall ever know.*

Considerações finais

Conforme Laraia (2001), o conceito de cultura é matéria habitual nas discussões da Antropologia nos últimos 100 anos. Esse estudo permitiu-nos compreender que a cultura é um processo de hábitos desenvolvidos por uma sociedade e partilhados com outras nações. Esses hábitos são transmitidos por meio da interação, por gerações, que aprimoram essas práticas agregando outros conhecimentos a elas. Nesse sentido, a cultura ecológica é formada pelo processo de transformação das sociedades, de como estas interpretam o uso de suas fontes de recursos naturais, uma vez que esses recursos podem se escassear ou esgotar. O comportamento cultural-histórico-social cria modelos de uso sustentável para que esses recursos não se esgotem.

Foi possível perceber a evolução do conceito cultural do *wilderness*, nos Estados Unidos, e compreender que a mudança de um pensamento e práticas adotadas na interação com o meio ambiente são resultados de como o homem se relacionou com outros homens, com o espaço e o tempo. Compreendemos que hábitos sistematicamente praticados se estabelecem como traço cultural transferido para outras sociedades e futuras gerações, cristalizando ou se modificando com o tempo. O que fora um lugar sombrio de bestas e feras transitou na história estadunidense para lugar prazeroso de paz redentora.

O conceito cultural de *wilderness* em *Desert Solitaire* é explícito do início ao fim da narrativa. O autor constrói esse conceito por meio da sua preocupação com a preservação do lugar apaixonadamente retratado pelas descrições poéticas e filosóficas. Abbey via o deserto como um espaço sagrado, o Paraíso na terra. Lugar de refúgio espiritual, de silêncio exultante e paz esmagadora. Ele concebia o deserto como um lugar que aproxima o homem de Deus, um santuário da vida selvagem do qual a humanidade faz parte em condição equivalente, o paraíso que sustenta a civilização e o único do qual ela precisa.

Desert Solitaire é um trabalho relevante para as ciências humanas e biológicas, pois defende um tema amplamente debatido nos fóruns e congressos mundiais. Este livro pode ser utilizado como fonte de pesquisa por várias áreas do conhecimento, considerando as informações sobre geologia, geografia, fauna, flora, água e preservação ambiental. É um trabalho literário denso com um discurso engajado no debate político e ideológico da ciência da ecologia, quanto à preservação ambiental, em particular, em

defesa dos parques nacionais de Utah, mas que serve à defesa da preservação da vida de todo o planeta.

Referências

ABBEY, E. *Desert Solitaire: A Season in the Wilderness*. New York: Ballantine Book, s/d.

ABBEY, E. Earth First! and The Monkey Wrench Gang. In: *Environmental Ethics*. v. 5, ed. 1, 1983, p. 94-95. Disponível em: https://www.pdcnet.org/enviroethics/content/enviroethics_1983_0005_0001_0094_0095 Acesso em: 27 jun. 2019.

BOAS, F. *The Mind of Primitive Man*. New York: The Macmillan Company, 1944. Disponível em: <https://freeditorial.com/en/books/the-mind-of-primitive->. Acesso em: 18 dez. 2018.

CAHALAN, J. M. *Edward Abbey: A Life*. Tucson: The University of Arizona Press, 2001.

CASTELLS, M. O “verdejar” do ser: o movimento ambientalista. In: *O poder da identidade*. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Editora Paz e Terra S.A., 1999.

DURANTI, A. *Antropología Lingüística*. Tradução Pedro Terra. Madrid: Cambridge University Press, 2000.

ELIADE, M. O espaço sagrado e a sacralização do mundo. In: *O sagrado e o profano*. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 25- 61.

ELIAS, N. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1990, v 1.

HARRISON, P. *Elements of Pantheism: a Spirituality of Nature and the Universe*. 3rd edition. pan@pantheism.net, 2013.

KUPER, A. *Cultura, a visão dos antropólogos*. Tradução Mirtes Frange de Oliveira Pinheiros. Bauru: EDUSC, 2002.

LANE, D. C. *Pantheism: A Natural History*. California: MSAC Philosophy Group, 2016.

LARAIA, R. de B. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2001.

LEFF, E. *Ecologia, capital e cultura: a territorialização da racionalidade Ambiental*. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

MARX, L. *The Machine in the Garden*. New York: Oxford University Press, 2000.

MIKELS, R. M. R. The Outcasts of Poker Flat. In: *Short Stories for English Courses*, p. 102-106. Blackmask Online, 2002. Disponível: <http://www.public-library.uk/ebooks/91/72.pdf>. Acesso: 01 jul. 2019.

NASH, R. F. *Wilderness and the American Mind*. New Have: Yale University Press, 2014.

SANDWEISS, M. A. John Gast, American Progress, 1872. Centro de Graduação da Universidade de Nova York: Amherst College, 2010. Disponível: <https://picturinghistory.gc.cuny.edu/john-gast-american-progress-1872>. Acesso em: 04 jun. 2019.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: DIFEL I Difusão Editorial S. A, 1980.

TURNER, F. J. O significado da fronteira na história Americana. In: KNAUSS, Paulo, (Org.). *Oeste americano: quatro ensaios de história dos Estados Unidos da América*. Niterói: EDUFF, 2004.

WHITE, R.; HECKENBERG, D. *Green Criminology*. New York: Routledge, 2014.